

Em 2018 faz 80 anos a data da Noite de Cristal (“Reichskristallnacht”), tal como a noite de 10 de novembro de 1938, como era designada de forma minimizada. E já passaram 85 anos desde o 10 de maio de 1933, o dia em que, em Berlim, e mais tarde noutros lugares, ardiam os livros; em Mainz no dia 23 de junho.

O que, apesar de tudo, podia ser cabaré político-literário nos anos da ditadura nacional-socialista, foi descrito por Sebastian Haffner no seu póstumo das memórias publicadas: “História de um alemão”:



É obvio que também não joga muito a nosso favor o facto de não saber exatamente o que fazer com a experiência da agonia e da última entrega do que ignorar, tão quanto possível, e não nos deixar perturbar no nosso prazer. Penso que um jovem casal de há cem anos o saberia fazer o melhor – mesmo que fosse apenas uma grande noite de amor, condimentada com perigo e perdição. Nós não fomos capazes de fazer algo de especial e fomos então ao cabaré, já que ninguém nos impedia de ir: primeiro porque o teríamos feito de qualquer maneira, segundo, para pensar o menos possível no desagradável. Isso até pode parecer extremamente frio e impávido, mas até é provavelmente um sinal de uma certa fraqueza de sentimentos e mostra que nós, mesmo quando no sofrimento, não estivemos à altura da situação. É, se me quiserem permitir já aqui esta

generalização, de uma maneira geral, um dos novos traços mais estranhos do novo acontecimento alemão, que não tinham mártires para os seus atos, agressores e sofrimento, que tudo acontecia como se fosse num tipo de semi-anestesia, com uma substância de sentimento fina e miserável por detrás do escandaloso objetivo: que tivessem sido cometidos assassínios se como tivesse sido uma brincadeira de um rapaz idiota, que a auto-desvalorização e a morte moral fossem aceites como um pequeno percalço perturbador, e mesmo a morte física por tortura significasse mais ou menos “azar”. No entanto, fomos recompensados pela nossa indolência nesse dia, porque a coincidência levava-nos diretamente para as catacumbas, e isso foi a segunda experiência mais notável dessa noite. Fomos ao único local público na Alemanha onde se exercia um tipo de resistência – exercida com coragem, piada e elegância. De manhã tinha vivenciado como o Tribunal da Prússia desmoronou ingloriamente com a sua tradição de vários séculos à frente dos nazistas. À noite vivenciei como uma mão cheia de pequenos atores de cabaré de Berlim, sem toda a tradição, salvavam gloriosamente a honra com a graça. O Tribunal tinha caído. A catacumba mantinha-se.



O homem, que levou os seus atores à vitória – porque toda a segurança e atitude que mantêm, face ao poder ameaçador, é um tipo de vitória – Werner Finck, e este pequeno orador de cabaré tem, sem dúvida, o seu lugar na história do Terceiro Reich – um dos poucos lugares de honra, que se podem dar aqui. Não tinha aparência de um herói, e quando estava quase a ficar um herói, então tornava-se num. Nenhum ator revolucionário, nenhum escarnecedor, nenhum David com o estilingue. A sua essência interior era a inocência e amabilidade. A sua piada era gentil, dançante e flutuante; os seus jogos de palavras em que ele se tornou gradualmente virtuoso. Tinha encontrado algo que se denominava de “a piada escondida” – e obviamente que trabalhou, cada vez melhor, em esconder cada vez mais as suas piadas. Mas não escondia o seu modo de pensar.

Permaneceu um refúgio de inofensividade e bondade no seu país, onde estas propriedades estavam na lista de extinção. E nesta inofensividade e bondade estava nesta “piada escondida” uma verdadeira coragem indomável. Ele atrevia-se a falar sobre a realidade e sobre os nazis – em plena Alemanha. Nas suas conferências falava-se dos campos de concentração, as buscas domiciliárias, do medo em geral, da mentira em geral; a sua torça sobre isso tinha algo de indescritivelmente silencioso, melancolia e tristeza; e a sua força de consolo incomum.

Este 31 de março de 1933 foi provavelmente a sua maior noite. A casa estava cheia de gente, que olhava fixamente para o dia seguinte como um abismo aberto. Finck fazia-os rir, nunca tinha ouvido um público rir dessa maneira. Havia um rir patético, o rir de uma troça recém-nascida, que deixava dormência e desespero atrás dele, e o perigo ajudou a nutrir esse riso – será que não era quase um milagre que a SA ainda não tinha chegado para prender todos em na casa? Nessa noite, ainda teríamos provavelmente continuado a rir no carrinho verde. Estávamos, de um modo improvável, longe do perigo e do medo.

